

Diversão & Arte

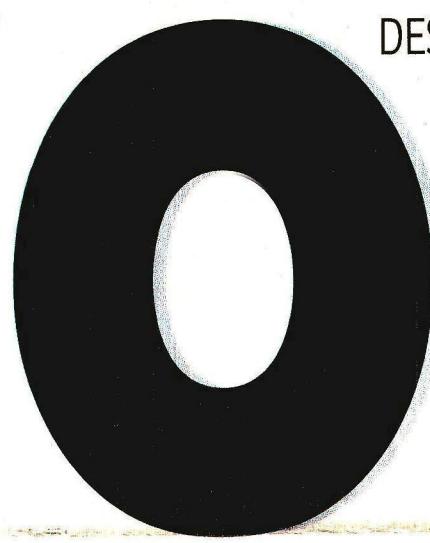
Fotos: Carlos Vieira/CB/DA Press



Obra do grafiteiro tcheco Pasta traz a frase "Não há arte na ausência de risco"

EXPOSIÇÃO REÚNE PARTE DO PRECioso ACERVO DO MUSEU DE ARTE DE BRASÍlia (MAB), DESATIVADO HÁ QUATRO ANOS E EM PERMANENTE RISCO DE NÃO MAIS REABRIR AS PORTAS

PF
Futura



grito

Raro encontro

» NAHIMA MACIEL

A frase do grafiteiro tcheco Pasta cai muito bem à atual situação do Museu de Arte de Brasília (MAB). Estampa no meio da galeria principal do Museu Nacional Honestino Guimarães (Complexo da República), a sentença afirma: "Não há arte na ausência de risco". Fechado há quatro anos, o MAB está permanentemente em perigo. Com um acervo de 1.200 obras capazes de contar a história da arte brasileira contemporânea, o espaço teve as portas fechadas em 2007 porque o Ministério Público identificou potencial de degradação para o acervo. Desde então, as peças ficam guardadas no Museu Nacional e na Galeria Athos Bulcão. Vez ou outra, são expostas ao público graças ao esforço de Wagner Barja, diretor do Museu Nacional. A mostra *Diálogos da resistência* é mais uma tentativa de sensibilizar a classe artística e política para a importância do MAB e a necessidade de políticas públicas que contemplam o acervo confiado aos cuidados da Secretaria de Cultura do Distrito Federal.

Na galeria principal do Museu Nacional, estão obras de 175 artistas. Desses, 45 pertencem ao acervo do MAB e 130 foram encomendadas a artistas contemporâneos da cidade com o intuito de promover um diálogo com o acervo histórico. Para muitos, conhecer as obras do museu fechado foi uma surpresa. "É meio triste saber que isso fica lá embaixo e que ninguém vê", repete Virgílio Neto, 25 anos, que só teve a oportunidade de passear pelo MAB uma única vez antes que fechasse. "Há obras muito importantes nesse acervo, coisas de Lygia Pape e Leonilson, e também de artistas contemporâneos da cidade." A série de desenhos mostrada por Neto na exposição dialoga com pintura de Elder Rocha. Em ambas, há referências iconográficas muito sutis e ancoradas na cultura pop contemporânea.

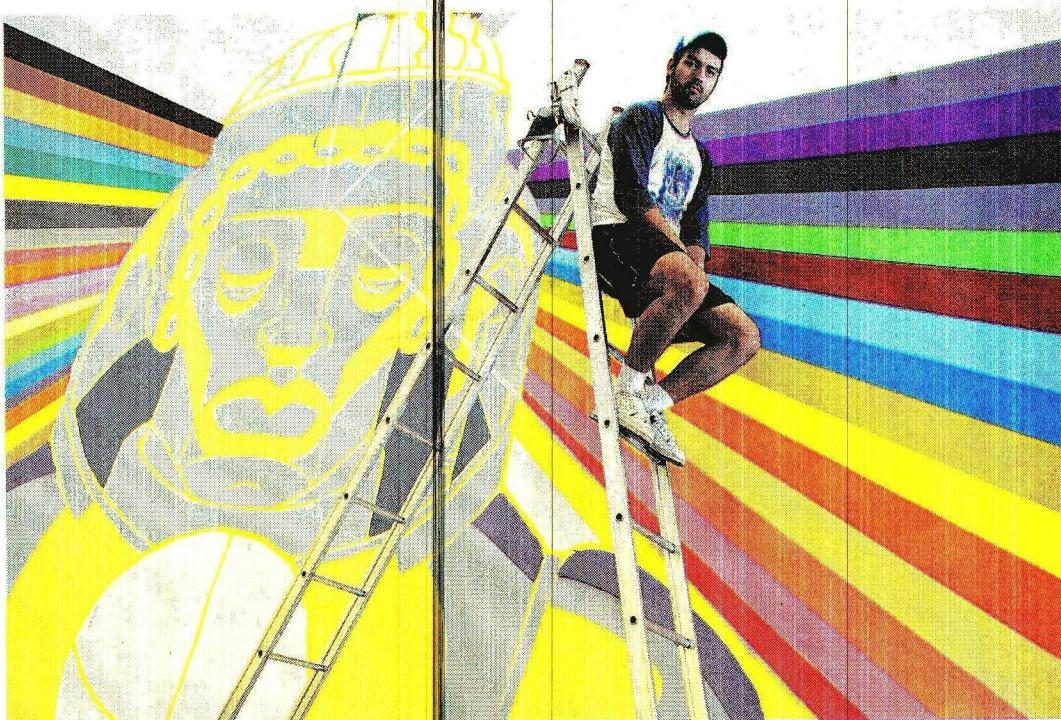
Futuro incerto

O pintor Elder Rocha, professor da Universidade de Brasília (UnB), tem uma pintura no acervo do MAB e lembra que o desasco com o museu atravessa décadas. "Já é tarde para tomar providências. É triste que ninguém ache que isso seja prioridade em nenhum governo. Desde que eu era criança, ouço essa conversa de que vai ter um local para o MAB. O prédio existe há três anos, já deu para fazer né?", lamenta o artista. "Essa mostra é legal, pode ser trabalhada com criatividade pelos artistas, é bacana, mas ao mesmo tempo é mais uma exposição para lembrar que o MAB existe. Até quando as pessoas que trabalham lá vão aguentar? Eles fazem aquilo com nada, na unha mesmo", emenda.

O trabalho escolhido por João Angelini,



João Angelini exibe painel em homenagem a Athos Bulcão: muro de Planaltina



Mello diante de um Apolo radiante: "a ideia era criar um sentinela dentro da galeria"

29, para participar de *Diálogos da resistência* é simbólico da precariedade que cerca o MAB. Em uma parede arrancada da própria casa em Planaltina, o artista esculpiu reprodução de azulejos de Athos Bulcão pela retirada das camadas de tintas depositadas sobre o muro. "Planaltina tem muito essa coisa de casas que são patrimônios, Athos é um patrimônio", replica o artista, ao comparar o trabalho com o abandono do MAB.

Wagner Barja quer transformar *Diálogos da resistência* em espaço de debate sobre o futuro da instituição. Segunda e terça-feira, artistas e gestores culturais

se reúnem no auditório do museu para dois encontros com a finalidade de refletir sobre o tema. "A gente precisa reinstalar um processo crítico, a cidade perdeu o pé da história", diz Barja. "O sistema de museus do DF está muito decadente. A gente tem que arrumar isso. Houve uma conferência de cultura e não conseguimos reunir a classe artística." Para ele, a exposição é mais uma forma de chamar a atenção para o acervo e um pedido de ajuda à sociedade no sentido de propor modelos de gestão que possam viabilizar exposições mais frequentes e até permanentes das obras.

DIÁLOGOS DA RESISTÊNCIA

Exposição com obras de 175 artistas. Curadoria: Wagner Barja. Abertura hoje, às 20h. Visitação até 11 de março, de terça a domingo, das 9h às 18h30, no Museu Nacional Honestino Guimarães, Complexo da República.

Diálogos de resistência é um protesto, mas também uma rara ocasião para acompanhar a produção artística brasiliense contemporânea. É possível extrair boa representatividade de um universo de 175 artistas e algumas tendências ficam evidentes. Muito presente, a pintura está em todos os cantos do museu. Dois enormes painéis de graffiti são as peças mais chamativas. De um lado, está o trabalho de Pasta, ou Zdenek Randa, único artista estrangeiro na mostra. Do outro, o Apolo radiante, de Mello e Aleixo.

Grafiteiro desde os 13 anos e residente em Praga, Pasta se considera um streetartist, termo mais leve e adequado aos desenhos e narrativas contados em muros públicos ou em galerias. No painel, uma mão planta um garfo em outra mão ensanguentada. É, segundo Pasta, uma metáfora da necessidade humana de testar a verdade. Já a frase "Não há arte na ausência de risco" se aplica a todo artista contemporâneo. "Normalmente, precisamos de certo risco no trabalho. Você tem que acreditar no que faz, mas ainda assim espera o julgamento das outras pessoas", explica. Há duas semanas em Brasília, Pasta dividiu o tempo entre o trabalho no Museu Nacional e saídas para grafitar em companhia de Mello. Já deixou a marca na 309 Norte e hoje faz incursões pelo Plano Piloto em busca de muros vazios.

A narrativa e a composição pop são típicas do trabalho do tcheco. O colorido também está em todos os trabalhos. Azuis, róseos e amarelos ajudam a compor as figuras organizadas de forma a deixar claras as referências do artista. A rua e seus personagens são as fontes de Pasta. Já no painel de Mello e Aleixo, é Apolo quem reina. "Ele é o guardião das artes. A ideia era criar um sentinela dentro da galeria", avisa Mello.

João Angelini também classifica como pintura o painel extraído de uma parede. Ao retirar o acúmulo de camadas no concreto, o artista desenha os azulejos de Athos Bulcão. "O que me interessa é a questão processual de pintar por remoção de tinta." A exposição também revela surpresas, como a série erótica *Eros memória*, um conjunto de bordados inspirados em Picasso e despidos de qualquer pudor. A mineira Darli de Oliveira assina as obras, que dividem parede com uma singela gravação em relevo de Rose Fajmund, cujo branco é perturbado apenas por um ser vermelho de contornos orgânicos.